



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ENTRE “BÁRBAROS E CIVILIZADOS”: O IMPERIALISMO E O
ENSINO DE HISTÓRIA**

Sávyo Enrico Rodrigues Alves*

ENTRE “BÁRBAROS” E “CIVILIZADOS”: “A QUESTÃO DO OUTRO”.

Um ponto marcante no que tange a diversidade cultural é a capacidade de entender a “*questão do outro*”, expressão utilizada por Tzvetan Todorov para debater o encontro entre Europeus e os nativos nas Américas. Segundo Todorov a descoberta da América foi um dos fatos mais marcantes para designar a formação do Mundo Moderno Europeu.

(...) No início do século XVI , os índios da América estão ali, bem presentes, mas deles nada se sabe ainda, que como é de esperar, sejam projetados sobre seres recentemente descobertos imagens e ideias relacionadas a outras populações distantes. O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta é a palavra adequada (...) (TODOROV, 1994: 54)

Durantes as “Grandes Navegações” empreendidas pelas nações recém-formadas na Europa – Portugal e Espanha inicialmente – formaram grandes Impérios Marítimos ao redor do mundo, no entanto desde o período denominado tradicionalmente como Idade Antiga a Europa já convive com várias dessas civilizações, tanto asiáticas como africanas. Então a partir disso como o trecho citado já nos expõe, esse encontro entre o Europeu e o

* Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará e professor temporário do Estado do Ceará.

Nativo americano vai ser marcante no que tange a formação do mundo Ocidental, essa elucidação nos propõe pensar essa perspectiva no sentido de entender como vai se dá esse contato. Apesar de esse trabalho ter como proposta pensar as características do Imperialismo, as observações de Todorov a respeito do “*outro*” são imprescindíveis para entender essas relações entre o conhecido e o desconhecido, nesse sentido é que podemos compreender como vai se dá o processo de formação das disputas étnicas que envolvem os civilizados e os “*bárbaros*”.

É importante ressaltar que o conceito de civilização é heterogêneo e pode ganhar diversas configurações de acordo com o tempo histórico que está se tratando, essa discussão conceitual é valorosa quando acionada no âmbito de sala de aula, para deixar claro aos alunos que as palavras tem um teor histórico, à medida que nomeamos as coisas estamos as aprisionando em uma série de valores presente na sociedade a qual pertencemos. Segundo Norbert Elias o termo “*Zivilisation*” - termo que foi cultivado pela nova burguesia “alemã”¹ para definir a superficialidade da civilidade emanada por franceses e ingleses - vai ser caro dentro da própria Europa como podemos perceber no processo de caracterização do conceito de “*kultur*” na Alemanha.

Seu aspecto principal é um contraste interno na sociedade, um contraste social que, apesar de tudo, porta dentro de si, de forma significativa, o germe do contraste nacional: o contraste entre nobreza cortesã, que usava predominantemente a língua francesa e era “civilizada” segundo o modelo francês, e um estrato de *intelligentsia* de classe média que falava alemão, recrutado principalmente entre os servidores dos príncipes, burgueses, ou funcionários públicos no sentido mais amplo, e ocasionalmente também em meio à nobreza proprietária de terras. (ELIAS, 1994: 28)

Então o processo de expansão desses modelos culturais não vão afetar apenas os trópicos, mas esteve presente na constituição nacional de países pertencentes ao velho continente. Admitir a formação heterogênea dos conceitos é um passo importante para o trato da docência – essa uma das grande questão que envolve o ensino de História – pois trata-se de deixar claro aos educandos as várias verdades que constituem uma narrativa histórica.

O mundo sofreu diversas mudanças, principalmente a partir do Séc. XVIII com a eclosão de diversas revoluções: políticas, econômicas e culturais. Essas mudanças em

¹ A Alemanha ainda não se entendia como Nação, esse era então a grosso modo o território que um dia viria compor as terras germânicas.

um âmbito filosófico levaram a criação de um homem “iluminado pela ciência”, a partir da formação de uma dita filosofia moderna. Transformações essas que afetaram os diferentes sujeitos de maneiras distintas, algumas dessas transformações foram provocadas por classes sociais específicas para interesses das mesmas, no entanto ainda assim mudou o destino de todos de maneira brusca. Como vai demonstrar o diálogo traçado por Michel Vovelle no início do livro “*O homem do Iluminismo*”, quando ele trás para o debate a introdução de outra obra – a enciclopédia de Diderot e d’Alembert, uma das obras estruturais produzidas pelo Iluminismo – que levanta a seguinte afirmativa:

É um ser pensante, sensível, capaz de reflectir, que se desloca livremente sobre a face da terra, que parece vir à cabeça de todos os animais que domina que vive em companhia, que inventou ciências e artes, que possui uma bondade e uma maldade que lhe são próprias, que estabeleceu padrões para si próprio, que criou leis, etc...

Pode ser considerado segundo diversos pontos de vista, os mais importantes dos quais constam dos artigos que se seguem:

O homem é constituído por duas substâncias, uma chamada alma (veja-se <<alma>>), a outra pelo nome de corpo.

O corpo, ou a parte material do homem, foi estudado... (VOVELLE, 1992: 55)

Antes de tudo é bom deixar claro quem foi sendo caracterizado pelos atributos encontrados acima, ou seja, apesar do conceito de universalidade que vigorava nos ideais Iluministas, esses direitos vão ser restritos a uma série de pessoas em específico, dentro da própria Europa essa “universalidade” entrou em cheque quando encontrou diversos sujeitos que não se encaixam no padrão, por exemplo, o caso da Mulher,² imagine como isso reverberou para além dos limites do velho continente.

O que podemos levar em consideração nessa passagem, é exatamente o ponto de afirmação das atividades Imperialistas, pois os Europeus viajaram não só com um intuito meramente econômico na procura de novos mercados, mas tinham toda uma ideologia filosófica que servia de sustentáculo moral para tais atividades, ou seja, empreenderam

² O caso da mulher em particular é interessante no debate, pois nos leva a pensar até que ponto vai funcionar esse mundo que tentou se estruturar direitos universais e que esbarrou em valores tradicionais e costumes construídos ao longo do tempo, ou seja, por um lado o pensamento iluminista pregou a universalidade do homem e por outro retratava a figura da mulher como um sujeito em segundo plano, segundo Voltaire a mulher era um ser distinto, pois era uma eterna doente, fazendo aí uma alusão a menstruação feminina. Fica perceptível a preocupação em justificar para quem serviu a denominação de homem moderno e iluminado.

essas grandes excursões mundo a fora para que todos contemplassem o modo de vida Europeu.

É interessante perceber que essa construção de superioridade forjada pelos países que empreenderam o Imperialismo não se estabeleceu só dentro do continente Europeu, mas também nas práticas dos países por eles colonizados. O que torna pertinente debater esse tema em sala de aula é demonstrar que nossa constituição histórica foi forjada sob a égide do mundo branco, ocidental e Europeu. E isso está presente de maneira visível na nossa língua de formação latina – claro que vamos ter formações nativas e africanas na constituição do Português contemporâneo, no entanto a majoritária contribuição dos Portugueses é inegável –, na formação das nossas instituições políticas como também na estruturação dos nossos currículos escolares. Esse debate pode levar a pensar também sob a perspectiva de compreender quem escreve a História e a partir disso perceber os diversos sujeitos que podem ficar de fora da versão escrita pelos “vencedores”.

Hoje como o cargo de principal nação do mundo é ocupado pelos E.U.A – um antigo colonizado – fica difícil de observar o quanto o mundo Europeu tem participação efetiva na formação histórica do Brasil. Essa nova ordem Mundial contemporânea, é algo inusitado para um continente acostumado a olhar os outros de cima, como nos elucida Zygmunt Bauman

Tal como o crepúsculo da hegemonia europeia pegou a Europa de surpresa, a súbita elevação dos Estados Unidos à posição de única superpotência de incontestada (ao menos *realisticamente*) hegemonia mundial pegou os líderes políticos e formadores de opinião americanos despreparados. Não seria possível esperar que respostas estratégicas racionais, profundamente refletidas e cuidadosamente ponderadas, a uma súbita e imprevista mudança de rumo, fossem construídas da noite para o dia. (BAUMAN, 2006: 51)

A desarticulação dos países europeus como as principais nações, principalmente após as Guerras mundiais – que vão ser “um tiro no pé” do otimismo construído até o séc. XIX – causaram a criação de uma nova ordem mundial, segundo Todorov o que se formou na verdade uma “nova desordem mundial”. A Europa vai se dá conta da inviabilidade que é o cumprimento da missão de expandir sua cultura, o que leva a uma “modernização sem ocidentalização”, assim os discípulos dos trópicos tendem a ultrapassar seus antigos professores, isso pode ser demonstrado de maneira mais clara na desilusão encontrada na literatura contemporânea europeia onde se misturam “perplexidade” e “frustração”, apelidadas de “crise de identidade europeia”.

Essa nova característica nos leva a um novo problema acarretado dessa carga histórica e cultural deixado pelos rastros do imperialismo, que é apontada por Bauman como “excedente populacional”. A imposição cultural ocidental nesses países vai mudar o eixo e distorcer a maneira de viver dessas civilizações, o que ocorre é que os valores para medir a felicidade, as boas e más condições de vida, são parâmetros ocidentais, no entanto essas áreas se encontravam em uma maneira de vida distinta, com um regime de tempo e percepção ligado a outra série de valores. Analisar os problemas desses países sob a égide de um modo de vida ocidental se torna injusto e provoca problemas históricos.

As guerras e massacres tribais, a proliferação de “exércitos guerrilheiros” (que frequentemente não passam de gangues mal disfarçadas) ocupadas em dizimar uns aos outros, mas nesse processo absorvendo e aniquilando o “excedente populacional” (na maioria jovens destituídos de perspectivas, sem possibilidade de emprego em seu próprio país) são uma dessas “soluções locais para problemas globais” que os “retardatários da modernidade” tendem a utilizar. Centenas de milhares de pessoas são expulsas de seus lares, assassinados ou forçados a fugir de seus países destruídos e devastados. (...) (BAUMAN, 2006:23)

Ai talvez se encontre em um dos pontos mais cruciais que dão validade a um estudo aprofundado sobre o que foi o Imperialismo. Entendendo a sua repercussão mundial e em específico no Brasil. Já que na análise feita por Bauman citada acima, nós estamos sob a condição de “retardatários da modernidade”, o mote desse debate faz parte de uma série de problemas sociais encontrados facilmente no dia a dia de sujeitos atingidos pelas anomalias que o Imperialismo vai criar através do processo histórico. Partindo desse pressuposto essa discussão elucidada tanto para o professor quanto para os alunos uma reflexão a respeito de tais problemas culturais massificados através do tempo.

Outro ponto importante ainda presente no dialogo com Bauman – pensando na perspectiva do “excedente populacional” – é que esses problemas causados pela distorção cultural, não vão se resumir a “massacres” nos “trópicos”. Os “retardatários da modernidade” não vão se contentar com seus países, e por conta da falta de emprego, baixo investimento educacional e outros problemas estruturais, vão leva-los a procurar migração para a Europa. E em resposta a essa prática as nações de primeiro mundo – incluindo aqui os Estados Unidos e a Austrália – vão se fechar em seus domínios com políticas cada vez mais severas de proteção de suas fronteiras, a moral dessa crônica triste aos povos do terceiro mundo, é que quando há a tentativa de busca de respostas a soluções para problemas sociais e culturais – que em parte é culpa das atividades de imposição

cultural dos vários anos de imperialismo – as nações de primeiro mundo cerram suas fortalezas, e se trancam em um nacionalismo exacerbado e pejorativo.

O trato com os “conceitos da História” tem que ser feito valorizando principalmente duas questões: 1º respeitar o conhecimento prévio do aluno, no entanto não ficar só nesse âmbito, fazer reflexões que produzam ideias nas aulas. 2º o aluno não é um receptor passivo, tem suas reflexões pessoais a respeito do tema (...) nesse sentido, o processo de construção dos conceitos históricos é parte do fenômeno denominado captura lógica das propriedades e dos fenômenos do mundo social(...) (SCHIMIDT, 2004: 63) Então explorar a base de ideias que os alunos já carregam do seu meio social sobre o Imperialismo e o Oriente é imprescindível para propor a construção desse debate, isso é valioso, no sentido que estimula a formação de um conhecimento plural permitindo o questionamento de opiniões cristalizadas a respeito do tema.

OUTRAS FONTES NO ENSINO DE HISTÓRIA, DISCUTINDO O IMPERIALISMO ATRAVÉS DO ANIME “CODE GEASS”

A partir do debate a respeito da abertura das fontes historiográficas proposto pela escola dos Annales, se criaram novos caminhos para o historiador se enveredar, levando em consideração o pressuposto de que todo historiador tem que ter o domínio tanto da pesquisa quanto da docência, essas fontes históricas – os animes – devem vistas como novas possibilidades de proporcionar o debate em sala de aula.

Como sabemos as condições precárias da maioria das escolas públicas no Brasil, fazem com que o uso do livro didático seja a principal ferramenta para as aulas de História. O cerne da questão não é tornar o livro obsoleto, mas aliar o uso dessa ferramenta a outras, pois o livro só representa uma verdade, sendo que a História é construída por várias verdades a respeito do mesmo tema. Como afirma Maria Auxiliadora Schmitd:

As relações do professor de História, como as de outros, com os livros didáticos articula-se, fundamentalmente, por meio de suas concepções de educação, ensino e aprendizagem, ou seja, está permeada pelas concepções que ele tem de escola, bem como pelas que tem das finalidades do ensino em geral e do ensino de História em particular. A clareza acerca dessas questões pode servir de referencia para o livro didático ser visto como parte articulada e articuladora da relação entre professor, aluno e conhecimento histórico, e não algo arbitrário e compulsório.” (SCHMITD, 2004: 136)

Como elucidado acima, esse debate deve ser mantido de uma maneira ampla, fazendo com que o aluno perceba que a história é formada de várias variáveis.

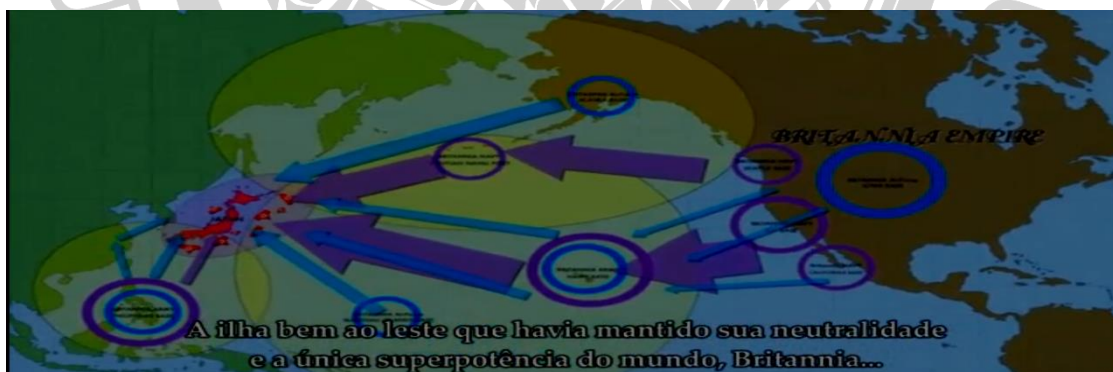
O anime *Code Geass – Lelouch of the Rebellion* da franquia *Code Geas*, que também contém Mangás e jogos de videogame, exibida no Japão pela MBS em 5 de outubro de 2006 e com conclusão em 28 de julho de 2007 contém 25 episódios, dirigido por Gorō Taniguchi e escrito por Ichirō Ōkouchi. Basicamente o anime conta a história de um país imperialista chamado de *Sacro Império Britannia*, a grande potência mundial, onde conquistou uma série de localidades ao redor do mundo, transformando o nome das localidades conquistadas em números. Como foi o caso do *Japão*, que foi conquistado e teve seu nome mudado para “Eleven” que faz referência ao numeral “11” em inglês.

O primeiro ponto a se debater a respeito do Anime, é deixar claro que ele não tem como intencionalidade servir como ferramenta para o historiador – ensino e pesquisa -, o anime foi produzido para um público específico e apesar de ser uma obra fictícia tem uma crítica muito real em relação às práticas sociais. As fontes audiovisuais como o anime, o cinema e as telenovelas são fontes que funcionam como signos da modernidade, pois demonstram uma carga de sentimentos, pois não é uma representação única como uma imagem, mas sim a sequência de várias imagens em movimento e isso causa um impacto distinto de algo anterior. Segundo Marc Ferro

[o cinema] destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo se tinha constituído diante da sociedade. A câmara revela o funcionamento real daquela, diz mais sobre cada um do que queria mostrar. Ela descobre o segredo, ela ilude os feiticeiros, tira as máscaras, mostra o inverso de uma sociedade, seus “lapsus”. É mais do que preciso para que, após a hora do desprezo venha a da desconfiança, a do temor (...). A idéia de que um gesto poderia ser uma frase, esse olhar, um longo discurso é totalmente insuportável: significaria que a imagem, as imagens (...) constituem a matéria de uma outra história que não a História, uma contra-análise da sociedade. (Passagem retirada do artigo: MORETTIN, Eduardo Victorino. **O CINEMA COMO FONTE HISTÓRICA NA OBRA DE MARC FERRO**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR. (Versão em PDF)

É claro que o anime está objetivamente em outro estágio ao do cinema, mas as articulações que o Ferro estabelece com o cinema, servem como base para mostrar que as fontes audiovisuais podem servir como reflexo da sociedade, mesmo se tratando de obras fictícias – como é o caso do anime – pois toda obra de ficção parte de uma base real.

No breve resumo feito nos parágrafos acima, já podemos pegar um ponto importante nesse debate, que é o nome dado pelos roteiristas a grande nação Imperialista, que é Sacro Império Britânia, se levarmos em consideração a afirmativa de que quando nomeamos algo aprisionamos o mesmo a essa denominação, podemos ver aí uma referência direta a Inglaterra, já que esse país Europeu se encontra na Grã-Bretanha. E como podemos perceber no mapa abaixo o Império Britânia está localizado onde hoje é os E.U.A, que é considerada a principal potência mundial na contemporaneidade. Essas indicações devem ser feitas para localizar o aluno nas diferentes temporalidades que o Anime trabalha.



O importante na análise do anime é sempre ter em mente que ele como uma fonte imagética tem que ser devidamente lido e questionado, não ser reduzida a uma mera ilustração do tema que está sendo abordado. Através do diálogo feito por Circe Bittencourt com Mônica Kornis, os filmes apresentam três aspectos fundamentais de análise que são:

- a) os elementos que compõem o conteúdo, como roteiro, direção, fotografia, música e atuação de atores;
- b) o contexto social e político de produção, incluindo a censura e a própria indústria do cinema;
- c) a recepção do filme e a recepção de audiência, considerando a influência da crítica e a reação do público segundo idade, sexo, classe e universo de preocupação.” (KORNIS, 1992: 248)

Ainda sobre essa questão metodológica, como o anime é composto por vários episódios – essa franquia em específico tem 26 episódios – desse modo ele requer um cuidado diferenciado, por conta da problemática do tempo, ou seja, como não é viável trabalhar a temporada toda, é preciso fazer algumas escolhas sobre, quais episódios usar e quais pontos abordar.

Na vez que eu tive oportunidade de trabalhar o anime na escola em que leciono – Colégio Avançar – eu usei o primeiro episódio por ele conter um breve resumo sobre o que está por vir a seguir no anime. No entanto antes de introduzir o filme em sala de aula, fiz um debate sobre obras que eles assistiram, para fazer com que eles tivesse chaves de leitura para refletir a cerca do filme assim como elucida Circe Bittencourt: “(...) É preciso preparar os alunos para a leitura critica de filmes, começando por uma reflexão sobre próprios que eles assistem (...) (CIRCE BITTENCOURT, 2010: 376)

A realidade onde fiz essa atividade é um pouco distinta, para ser mais claro, eu trabalhei o anime com alunos de um supletivo, em outras palavras, são na maioria adultos que em grande parte estão a muito tempo sem estudar e não dispões de tempo diário para estudar, dentro dessa perspectiva a cooptação da realidade histórica do aluno é imprescindível para o correr da atividade, trata-se de dar ao educando as chaves necessárias para aproveitar melhor a sua proposta pedagógica.

Para além dessas questões gerais propus alguns levantamentos específicos que foram:

1. O anime mostra se apresenta dividido em dois polos o opressor – Sacro Império Brittanica – e o oprimido – Japão -, em uma leitura superficial podemos pensar que o anime cai no pecado do maniqueísmo, no entanto a formação do caráter dos próprios personagens levam a um questionamento mais profundo a respeito do tema: um bom exemplo disso são os dois personagens principais do anime, os dois amigos Suzaku e Lelouch. O primeiro é filho da antiga família real japonesa e trabalha nas forças armadas de Britannia e é condecorado como guarda real da Regente da Área 11 – Japão -, o segundo é o filho bastardo do Rei de Britannia, que acaba se tornando líder da revolução contra o império de seu pai. A partir disso pode-se debater com os alunos a existência de outras relações culturais, sociais e afetivas que não se restringe ao binômio opressor-oprimido.
2. Outro ponto específico abordado foi a “questão do outro”, já apresentada acima. Quando o Sacro Império Brittanica domina o Japão que até então estava neutro, ele o transforma em “área 11” e todos os seus habitantes são chamados de “*elevens*”. Essa é uma característica marcante na

imposição ideológica imperialista, todo traço de humanidade é retirado desse povo, e são reduzidos a números;

3. No começo do primeiro episódio se explica que o Japão perdeu a guerra por conta da superioridade armamentista dos “*Brittânicos*”, principalmente por conta da arma de guerra chamada de “*Kinght Frames*”. Isso mostra que o anime ainda imbricada a uma construção histórica que está intrinsecamente ligada a uma cultura material que preza pelas evoluções tecnológicas. É preciso esclarecer ao aluno, que uma disparidade tecnológica não significa necessariamente que uma civilização é superior a outra;
4. Por fim, outra questão que busquei frisar, foi como o conceito de nobreza pode ganhar um sinônimo pejorativo por conta dos acontecimentos históricos. Após ganhar uma partida de xadrez de um nobre Lelouch, diz a seguinte frase: “Os nobres são muitos despreocupados, pois já nasceram em berço de ouro”, isso vai totalmente de encontro com a dualidade “*Kultur*” x “Civilização” descrita por Nbert Elias, onde a formação da cultura alemã se constrói em contraposição a uma corte francesa.

Essas foram os principais pontos debatidos em sala a respeito das impressões retiradas do Anime. Claro que durante o debate outras questões foram sendo levantadas, no entanto, fiquei particularmente satisfeito com o resultado e aceitação que a atividade teve.

Pra encerrar a oficina, eu realizei uma atividade escrita com os alunos, o que julgo ser algo interessante, pois é uma forma de avaliar não só o aluno, mas também a sua aula. Segundo Maria Auxiliadora Schimidt.

Existem questões relacionadas com a prática de avaliação que devem ser consideradas quando se trata de avaliar a aprendizagem em História. Uma delas é a de entender o significado do ato de avaliar, isto é, insistir que a avaliação é, sempre, um julgamento de valor, o qual pressupõe a explicitação de finalidades, dos objetos de quem avalia e de quem será avaliado.(...) (AUXILIADORA E CAINELLI, 2004: 62)

É importante a devida correção da atividade, pois como dito acima o ato de avaliar é um julgamento de valor, ou seja, tem uma intencionalidade pré-definida pelo professor.

No meu caso em específico eu reuni os alunos em grupos, pedi para que escrevessem um texto – sem números de linhas previamente definidos – que aliasse as discussões em sala, a impressão que eles tiveram do anime. A atividade redigida pelo grupo composto por Filipe Rebouças, Anderson Freitas e Cleudiane Rocha, foi uma das que mais me chamou atenção.

Em relação ao anime passado em sala de aula e a matéria dada, o Imperialismo, há muitas semelhanças, como um país dominar o outro, através do seu avanço tecnológico.

A Europa queria dominar a Ásia, África e América afim de implantar seus costumes, mostrando assim que eram uma civilização superior.

No anime Code Geass, há muitas características parecidas com a vida real, apesar do Imperialismo acontecer no Séc XIX e o anime ser de 2005, eles fizeram um tipo de crítica, pois já tinham uma opinião formada sobre o Imperialismo.

Esse trabalho me chamou a atenção, pois ao mesmo tempo ele trás pontos de “sucesso e insucesso” a respeito da atividade. Ao mesmo tempo em que eles demonstram que o domínio se dá principalmente por conta da superioridade tecnológica e só por isso, algo que é muito frisado no anime, que talvez tenha que deter uma análise melhor desse aspecto perante os alunos, nesse mesmo texto abri uma discussão breve, mais intrigante sobre as temporalidades, ou seja, qual o período de produção do anime e qual o período que o anime está criticando, demonstrando assim uma preocupação em criticar a fonte.

CONCLUSÃO

O trabalho que se seguiu tinha com intuito demonstrar como as relações culturais traçadas durante os anos de Imperialismo foram importante na constituição do mundo como conhecemos hoje. O questionamento mais importante nesse trabalho é a tentativa de criar uma reflexão a cerca da pluralidade, mostrando que a História é construída por diferentes povos, cada um com necessidades e temporalidades distintas.

A desconstrução o ideário cristalizado que põe o ocidente como o centro do mundo é rentável, pois nos dá a oportunidade de criar um juízo de valor diferente a respeito dos orientais. Levando em consideração principalmente a brilhante tese de

Edward Said, temos que começar a perceber o oriente por ele mesmo, não como uma mera construção ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes: Anime “*Code Geass*” - Sob minha guarda;

Bibliografia:

BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** - 4 ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais.** Tradução de Alda Porto – Rio de Janeiro: Record, 2002.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v I.

MORETTIN, Eduardo Victorino. O CINEMA COMO FONTE HISTÓRICA NA OBRA DE MARC FERRO. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR. (Versão em PDF)

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo;** tradução Denise Bottmann. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. MARLENE, Cainelli. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

VOVELLE, Michel. **O homem do Iluminismo.** Lisboa: editorial presença, 1997.